

Apresentação

Esse número da *Dois Pontos* apresenta uma amostra da “fenomenologia francesa atual” e um testemunho de sua vitalidade nos últimos anos. Algumas colegas e alguns colegas do Brasil aceitaram participar desse dossiê a fim de fazer eco a esta vitalidade: gostaríamos de lhes agradecer calorosamente por isso. Essas colaborações são provas ao mesmo tempo da importância histórica das trocas filosóficas entre o Brasil e a França, e da importância do diálogo franco-brasileiro no seio da comunidade de fenomenólogos e fenomenólogas. Gostaríamos também de agradecer ao Professor Luan Correa da Silva pela sua preciosa ajuda na constituição desta edição.

A fenomenologia francesa conheceu, já faz um século, várias ondas constitutivas. A primeira foi a dos pais fundadores: Sartre, Merleau-Ponty, Beauvoir, grandes descobridores e descobridoras da fenomenologia “histórica” de Husserl e Heidegger. Depois vieram Levinas, Henry, Ricoeur, Dufrenne ou ainda Derrida, contemporâneos de certa contestação do movimento fenomenológico pelo estruturalismo e pós-estruturalismo. A partir dos anos 1980, depois de um relativo eclipse, a fenomenologia volta ao centro da cena filosófica com um conjunto de pensadoras e pensadores que “redescobrem”, aprofundando-as, a herança husserliana e heideggeriana. Essa “nova fenomenologia”, representada hoje por Jean-Luc Marion, Jean-Louis Chrétien, Jean-François Courtine, Didier Franck, Marc Richir, Françoise Dastur, Renaud Barbaras e Jocelyn Benoist, foi recentemente objeto de um importante estudo (Hans-Dieter Gondek e László Tengelyi, *Neue Phänomenologie in Frankreich*, Berlin: Suhrkamp, 2011) e de um colóquio organizado nos Archives Husserl de Paris (*Nouvelles phénoménologie en France*, editado por Christian Sommer, Paris: Hermann, 2014). Finalmente, temos as autoras e os autores representados neste número da *Dois Pontos*. Essas pessoas animam hoje revistas (como a revista fenomenológica *Alter*), seminários regulares (como os *Rencontres phénoménologiques de Paris 1*) e atividades como as da novíssima *Société Francophone de Phénoménologie* (SFRAP) e do *Groupe de Recherche et d'Analyse des Phénoménologies* (GRAPH). Portanto, todas essas pessoas dão vida à fenomenologia, institucionalmente e intelectualmente, e provam que ela tem todo um futuro pela frente.

É possível distinguir entre as contribuições que compõem este número três tipos de preocupações. A propósito, a fenomenologia continua o debate com sua história constitutiva. Nisso ela é um *movimento* que reclama os frutos de uma herança historicamente fundadora, por exemplo, a herança de Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir. Mas a fenomenologia também é uma *doutrina* única em seu gênero. Entre o idealismo da constituição e o realismo das essências ou da atitude natural, a fenomenologia estimula numerosas discussões e um aprofundamento especular de sua ontologia profundamente ambígua. Os avanços ontológicos de Renaud Barbaras, os debates atuais sobre o “Novo realismo”, a redescoberta recente da antropologia filosófica alemã, tudo isso desempenha um papel importante a este respeito, pois estimula uma renovação do discurso que a fenomenologia sustenta sobre si mesma, convocando, por vezes, uma nova filosofia primeira. Enfim, a fenomenologia entendida como *método* continua a investigação que caracterizou seus primeiros momentos, uma investigação sobre os mais diversos objetos, sejam eles antigos (a intersubjetividade, a socialidade, a animalidade ou ainda a psicopatologia) ou novos (a sustentação



[*portance*], o sonho acordado [*rêve éveillé*], a surpresa [*surprise*], a ambiência [*ambience*]). Assim, por três vezes — como movimento, doutrina e método — , a fenomenologia francesa prolonga o gesto estranho e fascinante iniciado há mais de um século por Husserl e Heidegger.

Étienne Bimbenet

Leandro Cardim